

Editorial Literatura, resistência e utopia: um tema oportuno?

Editorial Literature, Resistance and Utopia: A Timely Theme?

Apresentamos o número 35 da revista *Contexto*, publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), com área de concentração em Estudos Literários, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

4

Na seção *Dossiê*, trouxemos o tema “Literatura, Resistência e Utopia”, acalentado bem antes do cenário brasileiro de início de 2019, mas já consoante, infelizmente, ao avanço da intolerância nos anos recentes no planeta na proporção em que as vozes silenciadas historicamente das e dos diversas/os sujeitas/os começavam a ganhar altura e reverberação. Não haveria de ser fácil, contudo, a expansão do “universal” a promover a inclusão das diferenças, o que supõe uma democratização mais profunda das relações sociais, estruturas e instituições. A utopia do início do século 21 renascia, assim, como “resistência”, calejada, fracionada, nos protestos e movimentos, cujos significados tornavam-se objeto de disputa feroz por legitimidade entre os “narradores” da vida cotidiana.

Nestes tempos, a literatura também disputa o “lugar de fala” acerca das gentes e do mundo, das subjetividades, das sensibilidades, da imaginação, da vida.

Defendemos que sua liberdade seja preservada como sentido principal de sua existência e que sirva para fortalecer a “palavra” como o gesto mais ético para se tomarem decisões sobre nossa vida comum. Que a “palavra” não nos seja tomada, pois sem ela reduzimo-nos à brutalidade. Fazer literatura é, portanto, resistir. Mas que possa fazer literatura um contingente maior de pessoas, capazes de nos expor a ontologias outras, uma vez que só haverá justiça cultural quando soubermos viver com o “desconcerto” das existências humanas, todas com o igual direito à vida digna.

Os organizadores e as organizadoras deste dossiê da *Contexto* fizeram dialogar o Brasil e a Itália, mais um fruto da feliz reunião do Núcleo de Estudos de Transculturação, Identidade e Reconhecimento (Netir) do PPGL-Ufes, ao qual se somou um quarto nome, no empenho de internacionalização de nosso programa de pós-graduação, a partir do Espírito Santo. Tivemos a confiança de diversos articulistas que contribuíram conosco mediante a chamada universal. Assim, ao lado de mais de vinte pareceristas, de nosso assistente de edição, João Ricardo Meireles, e do trabalho de nosso editor-gerente, Paulo Sodré, o número 35 ganha, enfim, materialidade. Não poderíamos ser mais gratos aos tantos que trabalharam conosco e tornaram, ao nosso leitor, disponíveis os treze artigos do Dossiê, além dos três artigos do Clipe.

Iniciamos por André Luis Mitidieri e Lara Bernabó Colina que, em “Reposicionar os estudos de gênero para resistir às colonialidades epistêmicas”, privilegiam aportes teóricos das ex-colônias para uma proposta teórico-prática de descolonização de gênero. Relacionando a heteronormatividade aos sistemas de poder e saber que se estabelecem na América a partir da colonização, os autores desmarcam-se da moldura iluminista, universalista e eurocentrada do feminismo ocidental para defender uma episteme que se assenta na ideia das Epistemologias do Sul. Por este viés, auguram que as práticas de resistência na América Latina resultem em teorias que se abram aos saberes locais dos agentes diretamente envolvidos em projetos de transformação social.

Vamos para “A Busca de uma mulher em trânsito: identidade da protagonista de *Outros Cantos*, de Maria Valéria Rezende”, em que Andrea Cristina Martins Pereira e Juliana Silveira Paiva fazem interagir memória, identidade e gênero na leitura do romance indicado no título do artigo. Partindo das leituras de Stuart Hall e Zygmunt Bauman, propõem uma discussão sobre o movimento do contemporâneo e a busca de autoconhecimento de sujeitos em trânsito, neste caso, femininos. No final da viagem de ônibus, através da memória, Maria consegue encontrar “o seu lugar no mundo”; portanto, o processo mnemônico presente nas dinâmicas identitárias - através das seleções e recorte que compõem o ato da recordação - relacionado com o reencontro desta pluralidade que está presente nos sujeitos diaspóricos, em seus movimentos.

Seguimos com Arnon Tragino e Fabíola Padilha, no artigo “Clandestinidade e resistência em *K.: relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski”, os quais empregam noções como resistência e repressão, oposição e clandestinidade para refletir sobre a representação da morte na narrativa de Kucinski, vendo nela uma operação de resgate da memória acerca do regime militar. A análise, que desenha o choque entre a busca da verdade pelos personagens e a despistagem operada pela ditadura, revela-se pontual num momento em que tortura e extermínio transformam-se em bandeiras políticas voltadas à rememoração apologética do militarismo e ao apagamento das conquistas democráticas.

Temos, também, Celdon Fritzen, com “‘O direito à literatura’ trinta anos depois”, que assinala a ocorrência, em 2018, dos trinta anos do célebre ensaio de Antonio Candido, discutindo o viés antropológico-cultural com o qual o estudioso articulava literatura e formação humana, concebendo-a como direito. Situando a análise no contexto da multiplicação de bens-culturais através das novas tecnologias, o autor marca o caráter resistente da perspectiva de Candido nos debates contemporâneos acerca das Humanidades e dos direitos humanos.

Cibele Verrangia Correa da Silva traz, por sua vez, em “A ‘melancolia de resistência’ como identidade: um estudo sobre as personagens ‘Sem Medo’ e ‘Aníbal’ das obras *Mayombe* e *A geração da utopia* de Pepetela”, uma análise da observação-imaginação-crítica arguta das vozes múltiplas que configuram a Angola liberta na prosa pepeteliana. O primeiro romance, publicado em 1980, é contrastado ao segundo, cuja primeira edição data de 1992. Em que pese uma reconhecível mudança de tom em favor de uma desilusão doze anos depois dos guerrilheiros serem alçados à elite de uma nação em construção, a articulista enfatiza, na eleição das personagens ‘Sem Medo’ e ‘Aníbal’ dos distintos romances, a inflexão testemunhal e autoreflexiva do autor que faz do pensamento uma potente arma. Cunha, com originalidade, a categoria “melancolia de resistência”, vendo no recolhimento e na introspecção uma recusa à participação numa dada ordem a que se contesta, mas que não se pode interpretar como desistência necessariamente, ao contrário, posto que, nalgumas circunstâncias, “retirar-se” é imperativo para se avançar noutras direções.

Com “Brecht, Marx e as crianças”, Cristiano Augusto da Silva traz uma discussão sobre o trabalho poético brechtiano em articulação com o pensamento marxista. Analisando o influxo de Marx no poema “Cruzada de crianças”, o autor lança mão de um estudo comparatista entre as funções da balada tradicional e as que são assumidas na composição de Brecht. O intento, bem sucedido, é o de evidenciar a reapropriação de um suporte popular para a veiculação de uma crítica social e política ao totalitarismo e ao capitalismo em geral e, em específico, à calamidade humana da Segunda Guerra Mundial.

Iago Moura Melo dos Santos e Inara de Oliveira Rodrigues tocam em questões relacionadas à perspectiva diaspórica em “Resistência e Utopia: cartografias da diáspora em *Finhani*, de Emílio Lima”. A partir das leituras de Gilles Deleuze e Félix Guattari, o movimento do personagem em trânsito, em suas desterritorializações e reterritorializações, é percebido em uma leitura que considera, também, a sujeição colonial, as resistências e reterritorializações

da Guiné-Bissau. Um terceiro espaço, que produz uma hibridização do poder, se constrói no resgate de vozes de sujeitos silenciados, mas que - em suas resistências - conduzem ao nascimento de um novo sujeito atravessado por culturas em contato.

Lemos ainda Ildney Cavalcanti e Pedro Fortunato, em “Utopia e resistência na trilogia *MaddAddam*”, que apresentam ao/à leitor/a outra obra da prestigiada autora canadense Margaret Atwood, que se tornou célebre quando *The Handmaid’s Tale* [O conto da aia] (1985) tornou-se a série premiada da TV norte-americana. A nova empreitada, composta pelos romances *Oryx and Crake* (2003), *The Year of the Flood* (2007) e *MaddAddam* (2013), é analisada pelos articulistas que buscam enxergar a possibilidade utópica na distopia, além de observar aspectos originais nas respectivas narrativas. Acentuam, assim, a importância da escrita distópica como exercício da resistência que ultrapassa o domínio literário mas pode povoar a imaginação dos que habitam o mundo (e puderam ler os livros), estes, por sua vez, sujeitos de sua história.

Com prosa versátil e atraente Jorge Luiz do Nascimento, em “Violencia policial, racismo e resistencia: notas a partir da MPB”, traça um percurso, não exaustivo, do RAP para trás, levando em conta as intervenções das poéticas populares na indústria cultural e na pretensa construção da brasilidade como harmonia autoritária. Retoma, assim, composições tais como o samba de Sinhô, Carlos Cachaca, Moacyr Bombeiro, Adivinhão da Chatuba, Bezerra da Silva e tantos outros. Reconhecendo os distintos estilos deles e dos Racionais MC’s, atinge o âmago da questão ao observar tais discursos como formas de resistência ao apagamento das tradições afro-brasileiras pelo sistema branqueador, o racismo, ao mesmo tempo em que dão voz aos pretos/pobres que “driblam” os sistemas de vigilância e punição estatais. O autor trata, assim, de uma “tradição performática” que se origina, como diz Gilroy, nas “joias trazidas da servidão”, criadora, no mundo diaspórico, de uma “metacomunicação negra”.

Lilian Reichert Coelho, em seu artigo “Patrick Modiano: poética das intermitências”, propõe uma análise entre memória e política na obra do

escritor francês, a partir do dispositivo crítico das sobrevivências, com uma leitura teórica que segue as sendas de Georges Didi-Huberman e Giorgio Agamben. Fala-se de uma contro(narrativa) que busca reagir a uma normalidade construída entre práticas e discursos que, por um lado, produzem um silenciamento do passado e, por outro, dificultam um projeto de futuro pensado coletivamente. Em conclusão, associa-se a obra de Modiano à ideia de narrativa-vagalume, como um resto na memória que se refaz sobre uma perspectiva de sobrevivência mnemônica da resistência, embora em uma relação de intermitência.

Com “Narrar para resistir: vida, resistência e utopia”, Linda Maria de Jesus Bertolino e Rogério da Silva Lima trazem-nos a “escrita de si” de Carolina Maria de Jesus em *Diário de Bitita*, entendida como ato de libertação mediante a capacidade do sujeito narrar o cotidiano e a opressão. Carolina conta suas histórias “como se fossem roupas dobradas dentro de um armário” (JESUS, 2014, p. 88) e denuncia, através delas, o racismo contra o negro na sociedade brasileira persistentemente escravagista. Bitita resiste a esta ordem ao pleitear o protagonismo de sua vida, quando “agarra” um lápis, mesmo que quando teme soltá-lo, mas não o solta. Os articulistas retomam Agamben e a “liberdade impraticável” que faz da vida sofrimento. Ainda assim, reconhecê-lo e poder gritar a dor pela *palavra* configura-se como a mais firme resistência daquela mulher, negra, favelada e autora.

Em “Lacre político: midiativismo dissidente do Coletivo Afrobapho”, Lucas de Matos Santos e Ricardo Oliveira de Freitas verificam de que modo a dissidência sexual é representada através de mídias alternativas e redes sociais, considerando-as instrumento de militância social. Ao colocar em pauta questões relativas à produção artística e cultural das periferias e grupos marginalizados, os autores colaboram para seu reconhecimento e legitimação acadêmicos. Num presente caracterizado pelo fechamento político-institucional aos direitos e demandas populares, o trabalho assinala o avanço democrático do governo progressista destituído pelo recente golpe parlamentar.

Nosso dossiê é finalizado com “O materialismo histórico (não-sacer) e utopia em “A terceira margem do rio” de João Guimarães Rosa”, em que Luis Eustaquio Soares e Rogério Rufino de Oliveira revisitam a obra de Rosa a luz do materialismo histórico de Engels & Marx e propõem a possibilidade da ruptura com os “grilhões” que historicamente impedem a realização da utopia. Para tal, substituem a utopia como “impossibilidade” e “fim” para a utopia como “movimento” e “correnteza” (o rio). Recusando a história como metafísica que atrela o presente ao passado, asfixiando as chances de transformação social, o artigo promove o diálogo com Jacques Rancière e Giorgio Agamben a fim de romper, de um lado, com a “história circular”, de outro, com o vínculo com o “soberano”, a origem. No lugar da mimesis, revelam na história de Rosa, práxis literária, a abertura ao “ainda-não-ser”, que vai se tornar algo, tecido pelo trabalho humano, criação coletiva, portanto.

O Clipe do número 35 traz ainda o artigo “El desplazamiento cultural en la obra *¡Que viva la música!* de Andrés Caicedo”, em que Andrés Eloy Palencia Sampayo e Cristiane Navarrete Tolomei buscam discutir e analisar as diferentes expressões discursivas, musicais e culturais presentes em *¡Que viva la música!* A partir do texto do escritor colombiano, através de uma panorâmica sobre a formação dos espaços urbanos no subcontinente latino-americano, é apresentado o impacto social e cultural das escolhas políticas adotadas durante esse processo. Para tal fim, o objeto que simboliza emblematicamente o estudo é a cidade colombiana de Cali, nos primeiros anos da década de 1970. Por fim, indicam a ideia de “desplazamiento” usada por Caicedo como algo que não se refere somente ao âmbito físico do movimento humano, mas também ao plano do pensamento, das ideias, falando de relações de poder, de modos de vida, de desigualdades em um mundo urbano marcado pela globalização e pelo avanço tecnológico.

Em “Apropriação na literatura contemporânea: Borges e seus textos”, Carla Carolina Moura Barreto e Tatiana da Silva Capaverde analisam a peça teatral *A última viagem de Borges*, de Ignácio de Loyola Brandão, observando-a sob o

prisma da “apropriação” que é, também, criação literária - quando seu autor passa a deslocar fragmentos textuais de seu local de origem para inseri-los em novas obras. Destaca o pós-estruturalismo e a morte do autor, na primazia da linguagem na qual todos estamos imiscuídos, como mote para os inusitados trânsitos entre autor, leitor e obra doravante expressos nas apropriações. Mas, as articulistas parecem não querer invisibilizar aquele que escreve que terá se tornado, sim, o autor-leitor, capaz de ressignificar a obra de quem admira - a apropriação é também uma homenagem. Curioso que Borges, o homenageado, é, também, revelado como um “apropriador” na medida em que ficcionalizava a si mesmo e a outros autores em suas obras, até se tornar, então, fartamente ficcionalizado na literatura contemporânea.

Por fim, em “O estrangeiro na obra de Tanizaki”, Olga Kempinska fala de um processo de reelaboração identitária, a partir da ação transformativa da alteridade, mesmo tendo como imagem inicial uma espécie de oposição entre as estéticas oriental e ocidental. O elemento central do artigo está relacionado à interferência do mimetismo do desejo humano nos sentimentos opostos que envolvem os processos de assimilação, presentes na obra de Tanizaki, e que muito marcaram, sobretudo, a sua experiência, na violenta e rápida ocidentalização do Japão que ele viveu. O escritor japonês, em seu ensaio, mesmo fortemente marcado pela rejeição do outro e pela exaltação da própria proveniência e vivência cultural, destaca uma ambivalência, na medida em que acaba por assimilar aquilo que caracteriza como algo que deve ser refutado. Talvez, mais do que exclusão, a marca da cultura oriental produza esta justaposição da diversidade, o que reforça a perspectiva da ambiguidade.

Reafirmamos nosso argumento de que a banalização do “não-pensamento”, como nos disse a filósofa do século 20, Hannah Arendt, insurge como o “mal” maior a ser combatido nestes inícios do século 21. A literatura contém uma potência de imaginação/pensamento/crítica que, caso exercida, nos ajudaria a conviver melhor, revelando-nos mais e melhor uns aos outros, em nossa alteridade e em nossa semelhança, humanos e dignos. Por fim, o convite à

leitura da *Contexto* é, também, uma maneira de dizer a que a Universidade Pública serve: à inteligência e à sua capacidade de comunicação.

Com afeto.

Adelia Miglievich-Ribeiro
(Universidade Federal do Espírito Santo)

Paula Siega
(Universidade Federal do Espírito Santo/Universidade Estadual de Santa Cruz)

Luís Fernando Beneduzi
(Universidade Federal do Espírito Santo/Universidade Ca' Foscari de Veneza)

Edoardo Balletta
(Universidade de Bolonha)